O PROJETO LITERÁRIO COMO REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO HISTÓRICO: SOCIEDADE E (DES)HUMANIZAÇÃO EM CORA CORALINA

José Humberto dos **ANJOS**[1]

Resumo: A ligação entre Literatura e Sociologia tem ganhado muito destaque nos últimos tempos e de forma bem acentuada e significativa vem contribuindo para que diversos autores como Theodor Adorno no âmbito internacional e Antônio Cândido no nacional analisem sob a perspectiva estética a sociedade transmigrada para o texto literário. Desta forma concebe-se a ideia de uma literatura que reflita a realidade, podendo representá-la real ou não, de acordo com a criação literária de cada autor. Neste artigo, propõe-se um estudo que perscrute na obra coralineana, de forma mais específica no livro *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, o projeto literário construído pela poeta, bem como a representação da sociedade que é transmigrada em texto por Cora. Objetiva-se ainda discutir como os homens e mulheres se (des)humanizam nos espaços geográficos, históricos e particulares descritos na obra e representados pelos becos.

Palavras-chave: Literatura. Sociologia. Representação.

Literatura e sociedade: duas fontes que comungam águas semelhantes

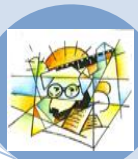
Embora muito se tenha debatido sobre uma literatura que tivesse identificação com a realidade, ou mesmo como afirmavam alguns pesquisadores no século passado de que só era arte aquilo que de alguma forma representasse o desenho da verossimilhança entre o mundo e o texto literário, discussões como as de Adorno (1970), Foucault (1990) e Cândido (2006), reconheceram o inverso.

Ao escrever a *Teoria Estética* Adorno (1970), propõe o debate sobre o que é arte e para isso revela que "se as obras de arte são respostas à sua própria pergunta, com maior razão elas próprias se tornam questões", assim declara o caráter subjetivo da arte e ao mesmo tempo reconhece seu (des)valor perante a sociedade.

Arte é tudo e ao mesmo tempo nada é para todos e ninguém. Essa dualidade antagônica que a circunda faz com que todo o processo artístico ou literário seja autônomo de significado e utilidade. Desta forma o velho truísmo de que "a literatura é o espelho da realidade" cai por terra dando espaço a uma nova interpretação, sem

[1] Mestrando em Estudos da Linguagem na Universidade Federal de Goiás - Campus Catalão; Licenciado em Letras Português - Inglês Universidade Estadual de Goiás.

ISSN 1808 -8473 - Vol. 9, n. 1, 2012



desvalorizar em totalidade tal conceito, ou seja, a primeira pode representar a segunda, mas não tem por si essa obrigação.

Ao representar à sociedade, a arte, de modo mais específico a literatura, não somente dá um tratamento estético próprio da crítica literária, como também incorpora novos elementos ao texto que de certa forma abandona o uníssono de seu cunho artístico e ganha uma representação historiográfica.

Já Foucault (1990) ao escrever sobre a *Prosa do mundo* em *As Palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*, reconhece que até o fim do século XVI a semelhança ou a representação teve um papel construtor no saber da cultura ocidental. Para o francês as coisas enrolavam-se sobre si mesmas e uma acabava por representar ou repetir as outras.

Na contra-margem de Adorno e de Foucault que lançam um olhar sobre as artes e a literatura, vê-se a sociologia que por sua vez não se detém ao estético como fonte de estudo, mas aos processos que o compõe e por isso o identificam em algum momento com a sociedade. Para Cândido (2006), a análise estética precede considerações de outras ordens e para a compreensão da obra, é necessário uma observação de seu condicionamento social.

O autor adverte que embora haja uma ligação entre a sociologia e a literatura a primeira não tem intuito de explicar os fenômenos próprios da segunda, mas apenas de esclarecê-los. Cândido (2006) reconhece que para grande parte dos fatos a análise sociológica antes de ajudar, pode desorientar a interpretação, mas que para outros levá-la em conta é indispensável.

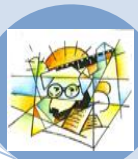
Ao reconhecer que o artista adota uma posição social, Cândido (2006) busca investigar as influências socioculturais e embora admita que elas sejam múltiplas, conecta as técnicas de comunicação à tríade: estrutura social, valores e ideologias.

Referindo-se ainda a esse conjunto esclarece

> Eles marcam, em todo o caso, os quatro momentos da produção, pois: a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o segundo os padrões da sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio. (CÂNDIDO, 2006. p. 30)

Ou seja, existe um efeito ante-obra, algo que a antecede enquanto objeto e que por isso deve ser considerado, não obrigatoriamente, para sua interpretação. É como se a

ISSN 1808 -8473 - Vol. 9, n. 1, 2012



sociedade fosse sempre um plano de fundo, mesmo que discreto; uma fonte de que se bebe enquanto se produz.

O francês Jean-Yves Tadié ao reconhecer uma nova forma de análise crítica entre a relação sociologia e literatura esclarece

> A sociedade existe antes da obra, porque o escritor está condicionado por ela, reflete-a, exprime-a, procura transformá-la; existe na obra, na qual nos deparamos com seu rastro e sua descrição; existe depois da obra, porque há uma sociologia da leitura, do público, que, ele também, promove a literatura, dos estudos estatísticos à teoria da recepção. (TADIÉ,1992. p. 163)

Para Tadié a existência de algo antes, durante e a após a obra deve ser considerado. É este processo que cabe aqui ser considerado, uma vez que este estudo propõe uma análise da tessitura textual de Cora Coralina como uma representação da sociedade vilaboense.

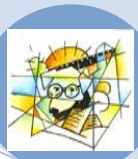
Cabe citar um dos maiores intelectuais palestinos da modernidade, Edward W. Said, em sua obra *Cultura e política*, ao falar sobre o papel público do escritor informa que:

> Entretanto, no início do século XXI o escritor segue assumindo cada vez mais atributos oposicionistas em atividades como a de dizer a verdade diante do poder, ser testemunha de perseguição e sofrimento, além daquele de dar voz à oposição em disputas contra a autoridade. (SAID, 2003, p.29)

É este papel que se busca encontrar no presente trabalho e em Cora. Desta forma, considerando o legado já mencionado pelos teóricos acima citados, reconhece-se que a obra literária tem uma íntima relação com a sociologia, não enquanto objeto de estudo, mas nas abordagens singulares que cada uma propõe: a primeira focando a subjetividade, o lírico e a arte como um todo. A segunda, observando a sociedade, seus fenômenos sócio-culturais e comportamentais.

Ao representar a sociedade e por isso se tornar uma das áreas de interesse da sociologia, a literatura faz isso de variadas maneiras. Ou seja, muitos elementos presentes nas obras literárias fazem com que o interesse da sociologia volte o olhar para determinadas obras. Alguns destes elementos são citados no artigo *A sociologia da Literatura: origens e questionamentos* de Miguel Leocádio Araújo Neto (s/d). Para ele, há quatro fatores essenciais que, grosso modo, representam as delimitações metodológicas para o estudo da sociologia da literatura.

ISSN 1808 -8473 - Vol. 9, n. 1, 2012



O primeiro seria o relacionamento entre o *corpus* e as manifestações de dadas épocas, gêneros e condições sócio-históricas que se fundem ao texto literário. A segunda versa sobre as condições em que autor se encontra enquanto produz; as relações sociais, históricas e intelectuais. Já no terceiro ponto, os aspectos relacionados à obra, sua publicação, distribuição e inclusão no Cânone Literário é que representam importância. Por último, a relação com o público, o consumo, (in)sucesso da obra e sua recepção na sociedade é que demarcam a delimitação.

Após tais colocações, mesmo que sucintas, parte-se para a análise que buscará uma visão não somente literária, mas também sociológica, e por que não histórica, do texto da poeta Goiana Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, a mulher doceira, a menina da ponte e a velha que impossibilitada[2] de caminhar pelas ruas da Velha Goiás, debruçou-se sobre a literatura e fez nascer Cora Coralina, o codinome da literatura brasileira em Goiás.

(Re)cortes em Cora Coralina para uma pré leitura

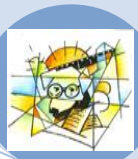
Cora Coralina é uma poeta que dispensa legendas. A assertiva abre a vigésima edição do livro *Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais*, primeira obra publicada pela autora quando está contava com seus 76 anos de idade e após sua volta para Goiás, quando esta durante 45 anos vivera na cidade de Jaboticabal em São Paulo com o marido.

Vários estudos não só no Brasil, mas em Universidades do exterior têm se debruçado de forma insistente sobre a obra de Cora, buscando sob a ótica de várias vertentes a rica contribuição que esta tem trazido não só para a literatura, mas como para as outras artes.

Na área da literatura ligada à sociologia, cabe destaque as contribuições de pesquisadores como Saturnino Pesquero Ramón em *Cora Coralina: o mito de Aninha* em que analisa a obra coralineana sob a perspectiva da psicologia tendo como base a visão de Hegel e Jung. E de modo mais específico, *Sou Paranaíba pra cá: literatura e sociologia em Cora Coralina* dissertação de mestrado de Clóvis Carvalho Brito,

[2] Após a Semana Santa de 1973, a poetisa escorregou na escada da cozinha que dá acesso para um grande pátio na Casa da Ponte e caiu, fraturando o fêmur direito... (BRITO, 2009, p.315)

ISSN 1808 -8473 - Vol. 9, n. 1, 2012



pesquisador afinco da obra e vida de Cora Coralina que analisa sob a perspectiva sociológica, como a poeta retrata a história e a realidade social em seus textos.

Para Brito (2006) Cora conseguiu por meio de sua produção poética revelar "uma série de entraves que foram negligenciados pela historiografia, descrevendo nas tematizações e denunciando através dos personagens, cenas e bastidores significativos à compreensão da sociedade goiana". O poema aqui analisado tende a direcionar um olhar nessa tematização citada por Brito. *Becos de Goiás* compõe a obra *Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais* (1965), que é hoje considerado por boa parte da crítica como uma das obras mais notáveis de Cora Coralina. O livro é um misto de poesia, geografia, costumes, memória e insistente olhar de uma mulher sobre a sociedade a qual pertencia. Os muros, o povo e os becos da Velha Goiás são em certo momento uma metáfora da prisão em que o eu-lírico busca incansavelmente denunciando, se livrar.

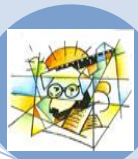
> Eu sou aquela mulher
> que ficou velha,
> esquecida,
> nos teus larguinhos e nos teus becos tristes,
> contando estórias,
> fazendo adivinhação.
> Cantando teu passado.
> Cantando teu futuro.
> (CORALINA, 2001 p.34)

No poema analisado como se perceberá logo abaixo, o que se vê é uma Cora poeta e denunciadora da realidade em que vive. Uma mulher que abrigada em seu espaço de produção literária é considerada "menor", tendo reconhecimento tardio de uma crítica que a muito lhe torceu o nariz, e que só a aceitou depois do reconhecimento de Carlos Drummond de Andrade, nome já consolidado na literatura dos grandes centros.

Cora foi uma enfrentadora de posturas e amplificadora de vozes que eram silenciadas em um Goiás catequizado por uma cultura masculina, hegemônica e machista. Para Pinheiro (s/d) "Cora percebeu sua exclusão do espaço público, e explicitou em suas obras seu papel social".

Seria audacioso ao extremo dizer que a mulher é a temática central da poética de Cora, no entanto, no texto analisado observa-se que esta ganha grande relevância, não sendo um mero plano de fundo, mas a tessitura máxima para o significado. Mulher e

ISSN 1808 -8473 - Vol. 9, n. 1, 2012



Beco dividem o mesmo espaço, como se um apontasse para o outro e ambos tivessem a mesma significância, tornando-se personagens protagonistas e simbióticos.

Mulheres da vida, meninos lenheiros e alguns becos: os sujeitos humanos e seus espaços na sociedade moderna

O poeta viandante solitário e pensativo, torna-se uma persona, sendo ele mesmo e o outro ao mesmo tempo. (Flávio Camargo)

De acordo com Camargo (2004), assim como Bandeira e Drummond, Cora Coralina realiza um hibridismo de gêneros em suas obras. Desta forma o autor reconhece uma epilírica, ou seja, uma fusão do épico com o lírico. Sendo assim, a estrutura do texto, como em boa parte dos modernistas não tem um gênero fixo, mas desenvolve um movimento bem hibrido que os mistura e acaba por formar outro.

Em *Becos de Goiás* há uma divisão perceptível de treze estrofes poéticas em que o eu - lírico revela uma a uma o itinerário dos becos e das vidas que se abrigavam sob suas sombras deles. Após a leitura atenta e somente no final do poema, o leitor perceberá que existe um *(último ato),* típico de peças teatrais e que de fato encerra o poema, uma vez que o eu-lírico declara: "*cai o pano*".

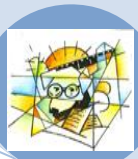
Desta forma pode-se julgar que as outras doze, não são apenas estrofes, mas atos que compõe um poema-peça que apresenta personagens, espaços e enredo, revelando um cunho historiográfico-social da Cidade de Goiás e de seus moradores.

Nas duas primeiras das treze estrofes lê-se:

Beco da minha terra...
Amo tua paisagem triste, ausente e suja.
Teu ar sombrio. Tua velha umidade andrajosa.
Teu lodo negro, esverdeado, escorregadio.
E a réstia de sol que ao meio-dia desce, fugidia,
e semeia polmes dourados no teu lixo pobre,
calçando de ouro a sandália velha,
jogada no teu monturo.

Amo a prantina silenciosa do teu fio de água,
descendo de quintais escusos
sem pressa,
e se sumindo depressa na brecha de um velho cano.
Amo a avenca delicada que renasce

ISSN 1808 -8473 - Vol. 9, n. 1, 2012



na frincha de teus muros empenados,
e a plantinha desvalida, de caule mole
que se defende, viceja e floresce
no agasalho de tua sombra úmida e calada.
(CORALINA, 2003 p.92)

A evocação do eu-lírico para a sua própria terra é nítida, sendo que ela não é um ambiente qualquer, mas o *lócus* inspirativo para a poeta. A leitura da estrofe vai remontando um ambiente carregado de adjetivos negativos e que dão um tom de obscuridade ao poema, tom este que vai se quebrando ao decorrer da leitura.

Os negativos *triste, ausente, suja, sombrio* e *andrajoso* vão dando espaço pouco a pouco para um novo tom do poema que vem como "*réstia de sol que ao meio dia desce*" quebrando a obscuridade própria ao beco e mostrando o *fio de água*, a *avenca delicada* e as *plantinhas* que *vicejam* e *florescem*.

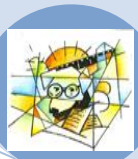
O contraste que se vê nas duas estrofes demonstra a dúbia capacidade do beco: depósito e abrigo. Para Brito (2006) lá era para onde os "empurrados" pela sociedade encontravam refúgio, por isso a negação. O beco era o espaço para os que não "cabiam na sociedade" hegemônica da velha Goiás: negros, prostitutas, doentes mentais e desempregados.

São espaços simples, por onde personagens mais simplórios passam e vivem. Na história livresca e popularizada o simples não encontrou espaço; mas na poesia de Cora os atos menos luminosos é que lhe ganharam o olhar.

Amo esses burros-de-lenha
que passam pelos becos antigos. Burrinhos dos morros,
secos, lanzudos,malzelados, cansados, pisados,
Arrochados na sua carga, sabidos, procurando a sombra,
No range-range das cangalhas.
(CORALINA, 2003 p. 92,93)

Como em um processo de higienização social, eram "empurrados" para os becos aqueles personagens que não entravam em consonância com a visão arquitetônica da Cidade; assim eles eram para os relegados e por isso eram "suspeitos e mal afamados". Os becos eram como artérias sociais, ao mesmo tempo que "guardava os excluídos", facilitava a entrada de mercadorias que vinham no lombo dos burros. Por eles passavam os comerciantes e os *burrinhos arrochados na sua carga*.

ISSN 1808 -8473 - Vol. 9, n. 1, 2012



Mas era também neste espaço emblemático, dúbio e essencial que "*todo o errado*" da terra de Cora se encontrava e por ela não foi ocultado ou desprezado, mas ganhou amplitude e por isso foi denunciado:

> E aquele menino, lenheiro ele, salvo seja.
> Sem infância, sem idade.
> Franzino, maltrapilho,
> Pequeno para ser homem,
> Forte para ser criança.
> Ser indefeso, indefinido, que só se vê na minha cidade.
>
> Amo e canto com ternura
> todo o errado da minha terra.
>
> Becos da minha terra,
> Discriminados e humildes,
> Lembrando passadas eras...
> (CORALINA, 2003 p. 92,93)

Na estrofe acima Cora não só descreve a beleza da sua Cidade, ou se encanta com os personagens como fez nas estrofes anteriores, mas canta com ternura todo o errado de sua terra. A poeta denuncia a exploração infantil e traz a lume o menino lenheiro, mais um personagem sofrido, ocultado e explorado pela sociedade.

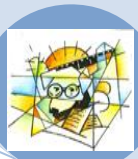
Ao cantar o errado Cora conclama o olhar do leitor: "*salvo ele seja",* um ser indefeso como milhões de outros, sem infância, idade e indefinido. Canta um canto de dor e de denúncia, eleva-se ao tom emotivo "*Pequeno para ser homem, forte para ser criança*" e encerra *"que só se vê aqui na minha cidade."*, no entanto este menino é jogado ás muitas cidades que em um processo capitalista expurga para a margem aqueles mais fracos ou subversivos.

E mais uma vez se vê o beco como lugar discriminado, em que os olhares se lançam com recalque e medo. O espaço humilde que lembra eras passadas, mas que as repete tal qual eram, e por isso a presença das reticências: uma não demarcação de fim, de repetição infinita.

Embora não se saiba o nome dos personagens ali (sobre)viventes, cada beco tem sua nomenclatura[3] definida. Cada parte desta válvula excludente e ao mesmo tempo morada, tem sua identidade. Cora nos apresenta

[3] Sobre o nome dos becos, BRITO (2006 p. 122) esclarece que "Na maioria das vezes, recebiam o nome dos moradores mais expressivos ou de sua característica mais marcante. As denominações se referiam a questões geográficas, a exemplo dos becos dos Taquaras, do Mingú, do Ouro Fino, da Água Férrea e da Cachoeira Grande..."

ISSN 1808 -8473 - Vol. 9, n. 1, 2012



Becos do Cisco.
Becos do Cotovelo.
Beco do Antônio Gomes.
Beco dos Taquaras.
Beco do Seminário.
Bequinho da Escola.
Beco do Ouro Fino.
Beco da Cachoeira Grande.
Beco da Calabrote.
Beco do Mingu.
Beco da Vila Rica...
(CORALINA, 2003 p.93)

Era (é) o beco, a terceira margem, aquela que não está à direita nem à esquerda, mas em um entre-lugar hibrido e que por isso constitui uma nova cultura, identidade e hábitos. Ao serem exilados nos becos, personagens muitos, vindos de lugares diversos e com culturas mais diversas ainda, experimentavam sem saber o hibridismo cultural, o que por fim confrontou a hegemonia da imponente Goiás.

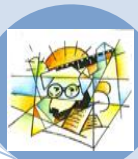
Entenda-se aqui a palavra exílio, não em seu significado literal como nos apresenta Bueno (2007) de expatriação, degredo e banimento, mas em um sentido mais interpretativo que considera a expurgação do indivíduo de seu espaço natural para outro. Daí, um conceito de exílio dentro da própria terra, no seu mesmo natal. Ou mesmo o conceito de Said:

> Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada... O exílio é a vida levada fora da ordem habitual. É nômade, descentrada, contrapontística, mas, assim que nos acostumamos a ela, sua força desestabilizadora entra em erupção novamente. (2003, p.46,60)

Para Fantini (2004) mesmo que os exilados possam manter vínculos fortes com os locais natos, eles acabam perdendo a ilusão da volta, o que os obriga a negociar simbolicamente com outras culturas a que se agregam: eis o hibridismo cultural.

Ao mesmo tempo que era uma fronteira social que dividia a cidade em duas partes desiguais, o beco era o local de encontro dos diferentes que se somavam, hibridavam-se e se tornavam iguais. A "gentinha" era sua própria prole, sua parentela e a quem, somente, podiam contar.

ISSN 1808 -8473 - Vol. 9, n. 1, 2012



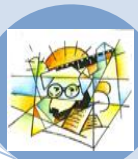
Nas estrofes seguintes, oitava e nona, Cora traz para seu *Poema dos becos*, mais personagens margens. Nestas, a poeta não canta somente o beco, mas os protagonistas que o compõe:

> Canto a estória das becos,
> dos becos da minha terra,
> suspeitos... mal afamados
> onde família de conceito não passava.
> "Lugar de gentinha" – diziam, virando a cara.
> De gente do pote d'água.
> De gente de pé no chão.
> Becos de mulher perdida.
> Becos de mulheres da vida.
> Renegadas, confinadas
> na sombra triste do beco.
> Quarto de porta e janela.
> Prostituta anemiada,
> solitária, hética, engalicada,
> tossindo, escarrando sangue,
> na unidade suja do beco.
>
> Becos mal assombrados.
> Becos de assombração...
> Altas horas, mortas horas...
> Capitão-mor-alma penada,
> Terror dos soldados, castigo nas armas.
> Capitão-mor, alma penada,
> num cavalo ferrado,
> chispando fogo,
> descendo e subindo o beco,
> comandando o quadrado – feixe de varas...
> Arrastando espada, tinindo esporas...
> (CORALINA, 2003 p.93,94)

Na visão coralineana o beco não é apenas um espaço abrigo, mas um lugar de estórias reais, como a do menino lenheiro e das mulheres perdidas na vida. Estórias que merecem ser registradas nos autos "*antes que o Tempo passe tudo a raso*", é como se os poetas, não só Cora, fizessem um trabalho histórico das vozes silenciadas pela oficialidade.

O eu-lírico coralineano narra de uma forma emocionante e ao mesmo tempo real o drama das mulheres da vida. Nota-se, o abandono e fragilidade de políticas públicas para a saúde e a desumanização.

As mulheres da vida, que além de renegadas e confinadas são caracterizadas pelas múltiplas formas de doenças, colaboram para que a paisagem humana em



degradação se contraste com o mesmo clima urbanístico. Nota-se que as mulheres que se abrigam no beco são pobres, marginalizadas e baratas, uma vez que segundo Brito (2006), as caras tinham locais mais decentes e afastados do beco e da Cidade.

O beco cheio de umidade, sujo e escuro é o leito hospitalar dos (des)vozeados, assim a poeta traceja o mapa patológico das mulheres da vida, carregadas de tuberculose, de anemia com doenças sexualmente transmissíveis e de doenças sociais: a solidão.

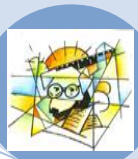
O beco é ainda o lugar mitológico, em que as lendas aparecem como recurso para o afastamento de pessoas. O personagem do Capitão-mor é responsável por fazer com que o espaço seja temido e não visitado; a alma penada que ronda os becos e afasta os medrosos, divide o espaço com as *páreas*.

Chegando aos atos finais, Cora nos mostra o fado social das mulheres-drama, momento mais emotivo e marcante do poema. Não obstante ao fato de serem exiladas nos becos, elas eram punidas, por serem "mulheres da vida" e para servirem de exemplo para as demais.

Mulher-drama. Mulheres da vida,
perdidas,
começavam em boas casas, depois,
baixavam pra o beco.

Queriam alegria. Faziam bailaricos.
- Baile Sifilítico - era ele assim chamado.
O delegado-chefe de Polícia – brabeza –
dava em cima...
Mandava sem dó, na peia.
No dia seguinte, coitadas,
cabeça raspada a navalha,
obrigadas a capinar o Largo do Chafariz,
na frente da Cadeia.

Becos da minha terra...
Becos de assombração.
Românticos, pecaminosos...
Têm poesia e têm drama.
O drama da mulher da vida, antiga,
humilhada, malsinada.
Meretriz venérea,
Desprezada, mesentérica, exangue.
Cabeça raspada a navalha,
castigada a palmatória,
capinando o largo,
chorando. Golfando sangue.
(CORALINA, 2003 p.94,95)



O personagem do delegado-chefe aparece configurando a maléfica e desprezível atuação do poder público na situação narrada. Nos bailaricos, mesmo que "sifilíticos" encontravam-se as mulheres da vida, e muitos daqueles que povoavam o centro da Cidade e durante o dia as repudiavam lá também se encontravam. No entanto quando o "*brabeza*" chegava, apenas as mulheres eram castigadas/punidas pelo "crime da prostituição".

"*Mandava sem dó na peia*"... Castigava-as e como uma metáfora para a sociedade, o delegado batia sem dó, como se aqueles personagens humanos fossem animais, seres não dotados de sentimentos, dores, valores ou qualquer outro indício de humanidade.

A desumanização era clara e a punição social culminava na humilhação das mulheres-drama, que eram prezas, tinham as cabeças raspadas a navalha e obrigadas a carpir o Largo do Chafariz em frente à cadeia que as abrigava. Era uma mensagem clara para as outras que passavam por ali e viam as meretrizes "*capinando o largo, chorando. Golfando sangue*".

Os becos são reapresentados e o paradoxo dos contextos faz o contraste entre as paisagens. Como no Romantismo o embate entre forças opositoras bem/mal e certo/errado é encontrado "*Romântico, pecaminosos*", "Têm poesia e têm drama". A dualidade simbólica do beco apresenta muito além do que apenas forças de oposição, revela algo que a sociedade goiana não concebeu que pudesse existir naquele lugar sujo, úmido e sombrio: a vida e a felicidade.

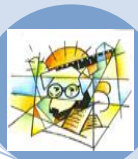
Embora fosse um lugar de encontro das aflições e agruras, o beco era a nova "casa" daqueles exilados, por isso também espaço das felicidades individuais e coletivas: um cortiço em que as misturas culminavam em um espaço singular: o beco, o novo beco.

Golfando sangue e chorando as mulheres-drama encerram sua antiguiquérrima participação no poema. É como se a peça terminasse, no entanto a poeta nos oferece uma última dose de crítica e esperança.

(ÚLTIMO ATO)

Um irmão vicentino comparece.
Traz uma entrada grátis do São Pedro de Alcântara.
Uma passagem de terceira no grande coletivo de São Vicente.

ISSN 1808 -8473 - Vol. 9, n. 1, 2012



> Uma estação permanente de repouso – no aprazível São Miguel.
> Cai o pano.
> (CORALINA, 2003 p.95)

E eis que só no último momento comparece um "irmão" revestido de sua religiosidade de fariseu para dar uma "ajuda" aos seres do beco. O auxílio só comparece no fim, um ato antes do pano cair para oferecer como redenção a todo o descaso: a entrada no São Pedro de Alcântara, uma passagem de terceira no São Vicente e uma permanência no São Miguel. Que respectivamente segundo Brito (2006) significam: a entrada para hospital, a passagem pelo asilo e a permanência no cemitério.

O irmão vicentino era a parte que higienizava a culpa da sociedade para com aqueles com quem ela tinha uma dízima periódica social. O único repouso decente àqueles seres humanos era o cemitério, onde em fim a margem da sociedade goiana comungava com a sociedade hegemônica.

Embora hoje os becos da Cidade de Goiás não sejam povoados com a mesma intensidade pelos personagens trazidos a lume por Cora, muito do que se viu em *Becos de Goiás* se repete frente ao deslumbre da atual Goiás, histórica, turística e cultural sob a face e silêncio de outros personagens.

O exílio e a migração dos homens e mulheres colocados à margem da sociedade capitalista, ainda é uma realidade que talvez não choque o leitor como os dos tempos de Cora Coralina, mas que ao se manifestar revela a insensibilidade das margens para os entre-lugares e seus personagens.

Cora foi a cantadora das vozes. A deladora de uma hegemonia machista, racista, e que excluiu para o beco aqueles/aquelas que não cabiam em um processo capitalista de "progresso". Assim, Ana Lins não foi só a poeta Cora Coralina, mas a "socióloga" telúrica que fez dos becos de sua terra o grande *vintém de cobre*[4] de sua produção literária.

Foi ela que cantou com ternura todo o errado de sua terra, falou das dores, das mulheres-drama, dos homens machistas e da terra sombra. Foi essa mulher não escolarizada e anciã que traçou nas duzentas e trinta e quatro páginas do seu *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* o mapa silencioso dos sujeitos de sua terra. E por coincidência ou ironia eis que a encerra: "Senhor, eu sou aquele doente, paralítico de

[4] Terceiro livro da poeta Cora Coralina e publicado pela Editora da Universidade Federal de Goiás no dia 15 de agosto de 1983.

ISSN 1808 -8473 - Vol. 9, n. 1, 2012

meus erros e clamo pela Vossa voz: levanta, lava-te de tuas culpas, vai e mostra-te aos juízes".

Abstract: The connection between literature and sociology has gained much attention in recent times and so well marked and has contributed significantly to several authors such as Theodor Adorno at the international level in national and Antonio Candido analyze the aesthetic perspective in society transmigrated to literary texts. Thus conceived the idea of a literature that reflects reality, it can represent real or not, according to the literary creation of each author. In this paper, we propose a study that scrutinizes the work coralineana, more specifically in the book of alleys of Goiás *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* literary project built by the poet as well as the representation of society that is transmigrated into text by Cora. Another goal is to discuss how men and women (de) humanize the geographical, historical and individuals in the work described and represented in the alleys.

Keywords: Literature. Sociology. Representation.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. *Teoria Estética.* Tradução de Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1970. 204 p.

ARAÚJO NETO, Miguel Leocádio. **A sociologia da literatura:** origens e questionamentos. Disponível em: <http://www.entrelaces.ufc.br/miguel.pdf>. Acesso em: 13 out. 2011. 6 p.

BRITO, Clóvis Carvalho; SEDA, Rita Elisa. ***Cora Coralina:*** *raízes de Aninha*. Aparecida: Ideias & Letras, 2009. 437 p.

BRITO, Clóvis Carvalho. **"Sou Paranaíba pra cá":** literatura e sociedade em Cora Coralina. 2006. 189 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Sociologia, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2006.

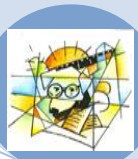
BUENO, Francisco da Silveira. ***Minidicionário da língua Portuguesa*.** 2. ed. São Paulo: FTD, 2007. 864 p.

CAMARGO, Flávio Pereira. Cora Coralina e a tradição poética Moderna e Modernista. In: IX CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 2004, Porto Alegre.

CÂNDIDO, Antônio. Literatura e sociedade. 9º ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. 199 p.

CORALINA, Cora. Poemas dos becos de Goiás e estórias mais. 20º ed. São Paulo: Global, 2001. 234 p.

_____Vintém de Cobre. 4º Ed. Goiânia: Ed. UFG, 1987. 207 p.



FANTINI, Marli (Org.). Águas turvas, identidades quebradas:: hibridismo, heterogeneidade, mestiçagens e outras misturas. *In:* ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Margens da cultura:** mestiçagem, hibridismo e outras misturas. São Paulo: Boitempo, 2004. p. 159-180.

FOUCAULT, M. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. Trad. S. T. Muchail. 8.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990. 422 p.

PINHEIRO, Suely Reis. A palavra ecoa pelos becos da vida: Cora Coralina, imagens, cheiros e cores na resistência social à esclusão. Disponível em: http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/artigo_suely.htm. Acesso em 10 de out. de 2011.

RAMÓN, Saturnino Pesquero. Cora Coralina: o mito de Aninha. Goiânia: Ed. UFG, 2003. 264 p.

SAID, Edward W. Reflexões sobre o exílio e outros ensaios. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____Cultura e política. Tradução de Luís Bernardo Pericás. São Paulo: Boitempo, 2003.

Recebido em 25/07/2012

Aprovado para publicação em 30/09/2012